

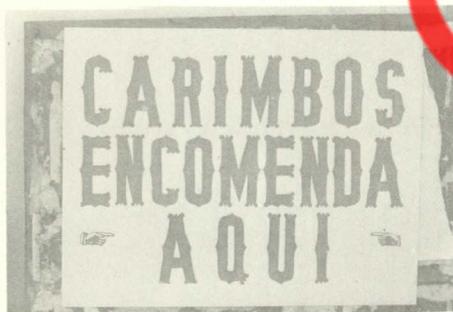


Já em bairros que sofreram transformações mais recentes – Itaim, Centro Novo e Centro Velho – onde as fachadas das lojas comerciais foram modernizadas, as legendas são inspiradas em catálogos de alfabetos estilizados (Letraset, Mecanorma, etc.).



A tipologia das letras na gráfica caligráfica e manuscrita, de caráter gestual e individual, não possibilita uma classificação específica; alguns exemplos ilustrarão o significado dessa afirmação.

Nas observações feitas sobre o material levantado verificamos que, desde as letras do tipo Futura (standard, quadrada) e similares, até as caligrafias mais espontâneas, recebem os adornos, sombras e arabescos, individualizando cada solução. A predominância passa a ser na repetição dos efeitos usados nesses alfabetos, e não num tipo determinado de letra.



Do ponto de vista específico da letra, vamos encontrar na gráfica caligráfica e manuscrita uma grande predominância do uso da caixa alta em todos os bairros visitados. Esse fato é significativo, diante da perspectiva de quem produz e faz a manutenção de letreiros, pois é mais fácil a execução de cada letra, tanto na pintura, como no neon, letras recortadas em metal, etc. Diante desse quadro, o uso de caixa baixa se restringe a programações visuais padronizadas (bancos, lojas em cadeia), que são geralmente executadas em serigrafia ou em moldes reproduzíveis. A caixa baixa também serve para escrever num mesmo espaço uma quantidade maior de informação que não seria possível se fosse toda em caixa alta; seu uso tem sido comum em pequenas informações, endereços e legendas sem destaque.